

## O que o governo soviético (não) escondeu sobre Chernobyl

As informações sobre o maior desastre tecnológico da história da humanidade, causado pela explosão no quarto reator da Usina Nuclear de Chernobyl em 26 de abril de 1986, foram imediatamente classificadas como secretas pela liderança partidária-estatal e pelos serviços secretos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).



Proibição da divulgação de informações sobre o acontecimento dentro do país

Num dos primeiros comunicados da Administração do KGB (KGB, norma soviética, refere-se ao Comitê de Segurança do Estado) para a cidade de Kyiv e região, enviado ao KGB da URSS em 26 de abril, foi mencionado:

"Para impedir a fuga de informações e a disseminação de rumores falsos e alarmistas, foi organizado o controlo da correspondência de saída e limitado o acesso de assinantes às linhas de comunicação internacionais."

Apesar de a evacuação de pessoas de povoação Pripjat e das aldeias vizinhas ter começado na tarde de 27 de abril, o governo soviético e, conseqüentemente, os meios de comunicação "mais honestos" do mundo permaneceram em silêncio sobre o ocorrido.

Em 28 de abril, às 21h00, no programa de televisão "Vremya", a apresentadora informou, entre outras coisas, que houve um acidente na Central Nuclear de Chernobyl, em que um dos reatores foi danificado, que os feridos estavam a receber assistência e que uma comissão governamental tinha sido criada. Este breve comunicado tinha o objetivo de criar a ilusão de um acidente menor, sob controle, não havendo motivos para preocupação.

Em 29 de abril de 1986, foi emitida uma ordem do chefe do KGB da República Socialista Soviética da Ucrânia (RSS da Ucrânia) em Kyiv e região, Leonid Bykhov, "sobre o fortalecimento do trabalho dos órgãos municipais e distritais em empresas e instituições para impedir a disseminação de rumores provocadores e alarmistas, aplicando as medidas mais decisivas contra os seus instigadores". Os departamentos distritais deveriam informar diariamente, às 11h e às 17h, ao oficial de plantão do KGB sobre o número de "faladores" identificados, o número de conversas preventivas realizadas e advertências individuais.

Em 30 de abril, o jornal "Pravda" quebrou o silêncio e publicou uma pequena nota, basicamente repetindo o que foi anunciado no programa "Vremya", acrescentando que houve uma evacuação de pessoas de Pripjat e que os níveis de radiação estavam sendo cuidadosamente monitorados.

O chefe do KGB da RSS da Ucrânia, Stepan Mukha, numa nota informativa ao Primeiro secretário do Comitê Central do Partido Comunista da Ucrânia, Volodymyr Shcherbytsky, informou sobre os esforços dos serviços secretos às vésperas do Primeiro de Maio para garantir o controle adequado "da situação operacional nas regiões de Kyiv, Chernihiv e Zhytomyr em conexão com os eventos extraordinários ocorridos em 26 de abril na Central Nuclear de Chernobyl".

O Dia da Solidariedade dos Trabalhadores era uma das festas ideológicas mais importantes da União Soviética, portanto, as autoridades não podiam ignorar ou cancelar a sua celebração. Apesar de o vento estar a levar a nuvem radioativa para Kyiv, os chefes do partido e do Estado no Kremlin deram instruções para realizar um desfile massivo na cidade.

"Isso deveria ser um marcador para a comunidade mundial de que a situação estava sob controle, as pessoas estavam seguras e se sentiam protegidas", escreve Serhii Plokhyy em seu livro "Chernobyl: A História de um Desastre Nuclear", "e os meios de comunicação ocidentais, ao divulgarem informações falsas sobre enormes destruições e milhares de vítimas do acidente, tornaram-se parte de uma guerra de propaganda. Imagens de Kyivanos sorridentes a marchar pelo centro da cidade deveriam transmitir a mensagem a todos - o partido está no controle da situação."

Ao mesmo tempo, essas imagens dos jornais tornaram-se um testemunho eloquente do crime do governo soviético contra as pessoas: "Milhares de residentes de Kyiv saíram a 1 de maio para a principal avenida da cidade-herói - Khreshchatyk", escreveria o jornal "Vechirniy Kyiv" em 2 de maio, "mais de 120 mil residentes de Kyiv e visitantes da capital participaram das celebrações no Khreshchatyk". Há certas ressalvas quanto a esses números, pois no nível partidário local foi estabelecida uma cota para o número de participantes do evento de cada um dos dez distritos de Kyiv - 2.000 pessoas (normalmente, esse indicador variava em torno de 5.000 pessoas).

Na manhã de 3 de maio, 911 pacientes com sintomas de exposição à radiação foram hospitalizados na Ucrânia. No dia seguinte, 1.345, incluindo 330 crianças. Posteriormente, os departamentos radiológicos dos hospitais de Kyiv ficaram lotados, e pacientes com esse diagnóstico começaram a ser admitidos fora da cidade.

O bloqueio de informações sobre o acontecimento na Central Nuclear de Chernobyl foi controlado em todos os níveis. Na própria zona, o jornal de Chernobyl "Prapor Peremohy" (Bandeira da Vitória) não forneceu nenhuma informação sobre a tragédia. E a última edição saiu com slogans extravagantes:

"O povo soviético pode viver tranquilo: o partido está profundamente consciente da sua responsabilidade pelo futuro do Estado."

Em maio de 1986, o 5º Departamento da 6ª Diretoria do KGB da URSS compilou uma lista de informações (total de 26 pontos) sobre os acontecimentos na Usina Nuclear de Chernobyl que estavam sujeitas a sigilo. Para minimizar a escala da tragédia, os órgãos de segurança do Estado monitoravam a não divulgação na imprensa e em conversas privadas de tópicos como: causas do acidente no 4º reator da Central Nuclear de Chernobyl, dados sobre a natureza e a extensão dos danos, quantidade e composição da mistura ejetada do reator destruído durante a explosão, informações sobre o nível de contaminação radioativa nas instalações da usina nuclear e na zona de 30 quilômetros, a extensão dos trabalhos de descontaminação durante a liquidação das consequências do acidente, estatísticas de incidência de doença por radiação entre o pessoal da usina, liquidadores, população evacuada, bem como fatos de envenenamento em massa e doenças epidemiológicas relacionadas ao acidente. A lista incluía dados sobre o volume de investimentos estatais na conservação do 4º reator, nomes de organizações e número de funcionários envolvidos nos trabalhos de liquidação.

Para ocultar a escala da tragédia, as autoridades recorreram a medidas sem precedentes para esconder os diagnósticos reais daqueles afetados pela exposição à radiação. "De acordo com o Departamento do KGB do Distrito de Shevchenkivsky, a administração da região de Kyiv e 25 hospitais, com base nas instruções do Ministério da Saúde da RSS da Ucrânia, nos históricos médicos dos pacientes com sinais de 'doença por radiação', indica o diagnóstico de 'distonia vegeto vascular'", diz o relatório do 6º Departamento do KGB da RSS da Ucrânia para a cidade de Kyiv (de 13 de maio de 1986).



Prevenção da disseminação de informações sobre o evento fora do país

Tendo experiência em silenciar sobre factos de desastres tecnológicos que ocorriam periodicamente na União Soviética, as autoridades planeavam, desta vez também, ocultar informações. O problema para eles foi que a escala do desastre era incomparavelmente maior, com uma liberação de 50 milhões de curies de substâncias radioativas no ar. Além disso, a Central Nuclear de Chernobyl estava localizada na parte europeia da União, o vento levou as emissões através da Bielorrússia, Lituânia para a Suécia e Finlândia e além. Assim, a Suécia foi a primeira a reagir ao aumento dos níveis de radiação no ar e exigiu explicações do governo soviético. Esconder o facto do acidente era impossível em condições de um escândalo internacional iminente.

O KGB em Kyiv recebia instruções de Moscovo sobre o que exatamente poderia e deveria ser dito sobre o acidente na Central Nuclear de Chernobyl, tanto para consumo interno quanto para o ocidente. Entre as causas, enfatizava-se exclusivamente o fator humano, enquanto deficiências tecnológicas e de construção eram silenciadas.

A notícia sobre os eventos na Central Nuclear de Chernobyl tornou-se destaque nos meios de comunicação ocidentais e americanos.

Especialistas da Agência central de inteligência dos EUA (CIA - Central Intelligence Agency, norma americana) prepararam um relatório em 29 de abril de 1986 sobre o acidente na Central Nuclear de Chernobyl, chamando-o de o pior desastre nuclear da história e enfatizando que os rumores de milhares de mortos e feridos de várias formas pelo acidente não eram infundados. No mesmo dia, a Administração do Presidente norte-americano Reagan ofereceu ajuda a um diplomata soviético que chegou ao Departamento de Estado para discutir a questão do armamento nuclear. Em 30 de abril, Ronald Reagan recebeu uma mensagem de Mikhail Gorbachev. Serhii Plokyh, em seu livro "Chernobyl: A História de um Desastre Nuclear", cita esta mensagem:

"A URSS declara que o vazamento de materiais radioativos levou à evacuação parcial da população... a situação radiológica estabilizou-se... os níveis de contaminação, apesar de excederem parcialmente os limites permitidos, não exigem medidas especiais para proteger a população."

À oferta de ajuda, a propaganda soviética respondeu com uma série de publicações na imprensa sobre acidentes nucleares no exterior.

Em 30 de abril, em Moscovo, ocorreu um briefing do Primeiro vice-ministro das Relações Exteriores da URSS, Anatoly Kovalev, para embaixadores estrangeiros sobre os eventos na Central Nuclear de Chernobyl. A retórica geral era que tudo não era tão terrível quanto a imprensa ocidental tentava retratar. Depois disso, os ministros das Relações Exteriores das repúblicas soviéticas receberam instruções e explicações sobre como os representantes das autoridades locais deveriam informar os estrangeiros sobre o acidente. As principais teses eram que não havia ameaça à saúde, e "a tarefa era impedir a partida de pessoas doentes, o que não daria aos nossos inimigos qualquer hipótese de utilizar incidentes acidentais para fins antissoviéticos".

Em 5 de maio, os líderes do Grupo de Sete (G7), durante uma reunião em Tóquio, prepararam uma declaração conjunta sobre o acidente de Chernobyl:

"Apelamos ao Governo da União Soviética para que forneça imediatamente todas as informações solicitadas pelos nossos e outros países."

O mundo queria obter informações verdadeiras sobre o acontecimento. De 27 de abril a 22 de maio, ocorreram 22 visitas de diplomatas estrangeiros a Kyiv. Todas as informações eram secretas, para evitar a sua fuga, o KGB controlava cuidadosamente os movimentos de correspondentes estrangeiros e pessoal diplomático, escutava as ligações telefônicas, bloqueava a transmissão de reportagens de televisão.

Em 8 de maio, a convite das autoridades soviéticas, o diretor-geral da Agência Internacional para Energia Atômica, Hans Blix, chegou a Kyiv. Esta visita deveria testemunhar, por um lado, a abertura das autoridades e, por outro, se tudo corresse bem, demonstrar que a escala do acidente não era tão terrível quanto a imprensa ocidental retratava. Por muito tempo discutiu-se como levar Blix até a Central Nuclear de Chernobyl. Pelas estradas havia o perigo de entrar em nuvens de poeira radioativa, que haviam se depositado no solo. Os dosímetros em tais lugares simplesmente disparavam. Do helicóptero, era visível a estação de radar secreta "Duga". Após longas consultas, Gorbachev deu permissão para o uso do helicóptero.

Serhii Plokyh escreve que não se sabe se Blix notou a "Duga", mas ele registou na cabine a uma altitude de 400 metros e a uma distância de 800 metros do reator uma radiação de 350

milirrentgens por hora. Fora da cabine do helicóptero, não foram feitas medições, e a própria central nuclear não foi visitada pois pousaram em Chernobyl e de lá voaram para Kyiv. Na conferência de imprensa que Blix deu em Moscovo, ele disse:

"Pudemos ver pessoas a trabalhar nos campos, gado pastando, carros circulando pelas ruas. Os russos estão confiantes de que poderão descontaminar o território. Ele se tornará novamente adequado para a agricultura."

Os comunicados informativos do KGB estão repletos de histórias sobre a busca da verdade por estrangeiros. De 23 a 25 de maio de 1986, uma equipa de filmagem do canal americano "CBS" trabalhou em Kyiv. Eles foram colocados sob vigilância 24 horas por dia. Ao longo da rota de movimento do grupo, foram utilizados operativos e agentes que, se necessário, atuavam como transeuntes comuns ou funcionários da central e transmitiam as informações necessárias às autoridades soviéticas.



"O KGB implementou um complexo de medidas operacionais nos interesses de obter informações sobre as intenções dos americanos, controlar suas ações, estudar o equipamento usado, transmitir informações vantajosas aos estrangeiros", dizia o relatório do chefe do KGB da RSS da Ucrânia, Stepan Mukha, ao Primeiro secretário do Comitê Central do Partido comunista da Ucrânia, Volodymyr Shcherbytsky.

Sem informações confiáveis, governos estrangeiros retiraram os seus cidadãos que estavam em Kyiv e Minsk. Principalmente os estudantes. Representantes dos "países em desenvolvimento", observando como os seus colegas de classe estavam a partir, também começaram a dirigir-se às embaixadas solicitando evacuação. Eram estudantes do Egito, Nigéria, Índia, Iraque. O KGB relatou que "eles simplesmente queriam conseguir passagens gratuitas para casa e férias mais longas..."

**Preparado por Natalia Slobozhanina com base na edição em dois volumes "Dossiê de Chernobyl do KGB" e no livro de Serhii Plokyh "Chernobyl: A História de um Desastre Nuclear".**